



O EDUCADOR SOCIAL ENTRE VÍRGULAS

Simônica da Costa Ferreira¹

Resumo: Nos dias atuais temos vivenciado a individualidade dos sujeitos diante de tantas inovações que a sociedade tem nos oferecido, uma delas é a tecnologia. Essa tem levado o indivíduo ao ostracismo que, muitas vezes ou em sua maioria, faz com que nos fechemos e nos deixa insensíveis ao que ocorre a nossa volta. Nas escolas, o olhar para o outro tem perdido espaço, a educação tem se tornado mecanicista. Muitos de nós, educadores, temos uma rotina estressante que muitas vezes não nos permite ter uma sensibilidade no que se refere ao outro. Com o fito de contribuir com a formação de crianças carentes e, conseqüentemente, formar o educador social, existem centros que possibilitam esse olhar diferenciado. O presente estudo versa a respeito do educador social, sua importância na sala de aula, sua formação e seu olhar para o outro. O objetivo principal é pensarmos na relevância que esse educador tem na vida e na formação de crianças que estão em estado de atenção. Consideramos que sua atuação frente ao processo de ensino-aprendizagem pode contribuir para que o infante possa encontrar seu lugar no mundo e para que isso ocorra faz-se necessário uma formação que leve o educador à consciência da urgência da mediação segura e sensível.

Palavras-chave: Educador social. Educação social. Olhar.

THE SOCIAL EDUCATOR BETWEEN VIRGULAS

Abstract: In the present day we have experienced the individuals' individuality in the face of so many innovations that society has offered us, one of them is technology. This has led the individual to ostracism which, often or mostly, causes us to close ourselves and leaves us insensitive to what is happening around us. In schools, the look at the other has lost space, education has become mechanistic. Many of us educators have a stressful routine that often does not allow us to have a sensitivity when it comes to the other. In order to contribute to the formation of needy children and, consequently, to form the social educator, there are centers that allow this differentiated look. The present study deals with the social educator, his importance in the classroom, his training and his look at the other. The main objective is to think about the relevance that this educator has in the life and formation of children who are in a state of attention. We believe that its action in the teaching-learning process can contribute to the infant being able to find his place in the world and for this to happen it is necessary to have a training that will lead the educator to an awareness of the urgency of safe and sensitive mediation.

Keywords: Social educator. Social education. Look.

¹ Doutoranda pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. Brasil. Mestre em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP/Presidente Prudente. Brasil. Licenciada em Pedagogia pela mesma Universidade.



Na realidade em que estamos vivendo, o individualismo está tomando grandes proporções. Muitas vezes, o interesse pelo Outro se perde, as trocas vão ficando mais superficiais, a conversa se dissolvendo e o “olho no olho” se extraviando.

O olhar do eu interior para outro necessita de um exercício que permita, não apenas o se colocar no lugar, mas olhar para si mesmo e perceber questões que, muitas vezes, nos afastam da sociabilização. Podemos afirmar que aquilo que sai de nossa zona de conforto, pode nos assustar e não nos permitir olhar aquele que está a nossa frente.

O ser humano é biológico, histórico, pensante, desejante e tem sua subjetividade, ou seja, ele é um ser social que tem sua racionalidade, sua cultura, seus desejos; dá e recebe, transforma os sentidos. Estamos nos referindo à ontologia do ser, pois não podemos referenciar à educação social sem nos remeter a ela, pois consideramos que essa tem como princípio levar o indivíduo à consciência de si, do outro, dos contextos históricos e sociais em que habitam. Para isso é preciso desconstruir, muitas vezes, o que foi construído para e por ele. O trabalho é como fonte de realização. “Somente o trabalho é a categoria essencialmente intermediária, é o vínculo material e o objetivo entre ser humano e natureza, por esse motivo é a categoria fundante e mediadora por excelência, assinalando a passagem do ser meramente biológico ao ser social”. (DUAYER; ESCURRA; SIQUEIRA, 2013, p. 19).

Entendemos que o trabalho é uma forma de necessidade para o ser social. Estamos em constante transformação e isso nos faz desconstruir e construir constantemente; mormente referente aos desafios que são postos à nossa frente. São eles que nos permitem o desenvolvimento do pensamento, a superação dos limites e a busca por uma nova visão e percepção de vida, (re)significando-nos como seres sociais.

Os conhecimentos prévios que adquirimos ao longo de nossa existência, nos permitem rever algumas posições, entender e nos apropriar de outras frente aos desafios. Como afirma Freire (1989, p. 9), “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e foi com o desafio de “ler o mundo” que, a partir de experiências vividas na disciplina “Formação do Educador Social para a Interdisciplinaridade” cursada no Programa de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, ampliou-se as discussões concernentes à educação social e, conseqüentemente, ao papel do educador social.



Para que pudéssemos entender, de maneira prática, o que vem a ser um educador social, fomos até o Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) na cidade de Alumínio/SP e realizamos uma entrevista com a profissional responsável para ampliar nossa compreensão com os textos estudados na disciplina e contribuir com esta pesquisa.

Nosso objetivo é mostrar a importância e o trabalho do educador social, explicando algumas de suas práticas, por esse motivo temos como título “O educador social entre vírgulas”, por se tratar de uma breve, mas relevante explicação a respeito das ações que acontecem dentro e fora do CRAS.

Entre várias perguntas realizadas para compreender o CRAS, a entrevista convergiu para o entendimento do educador social e é nessa perspectiva que discorreremos nossa comunicação.

O trabalho do Centro de Referência e Assistência Social (CRAS)

Na cidade de Alumínio, localizada na região de Sorocaba, estado de São Paulo com dezesseis mil habitantes o Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), que é uma unidade estatal de âmbito municipal, vinculada a Secretaria de Assistência Social, tem como trabalho principal o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF). Esse consiste em um conjunto de ações de acompanhamento de famílias (que procuram o CRAS) em situação de vulnerabilidade, realizando visitas e sondagens para encaminhamentos futuros.

A diretoria é composta de Assistente Social, Psicólogo e uma pessoa de nível médio que auxilia na recepção. Há contratos com oficinairos que ajudam no trabalho sócio educativo, esses são professores de arte, capoeira etc., que contribuem com o trabalho que é realizado.

O CRAS tem o serviço de proteção que trabalha com as famílias e a partir do diagnóstico dessas que partem todas as outras ações.

O trabalho dos educadores sociais do CRAS consiste em ter um olhar diferenciado à criança, ou seja, não é simplesmente dar a aula, mas observar o comportamento desse infante. Caso haja alguma alteração nas atitudes, o educador social intervém para detectar o que está acontecendo. Se esse professor detecta algo, encaminha para o CRAS e um assistente social vai até a residência para conversar com a família.

Alguns educadores do CRAS já têm um perfil social, ou seja, eles já sabem como lidar com várias situações que possam vir a acontecer no momento das oficinas e/ou cursos, isso porque foram



capacitados para tal feito. Mas também há aqueles que estão para contribuir com o trabalho e não tem o perfil, pois “é difícil encontrar pessoas que tenham o perfil”, segundo a coordenadora entrevistada.

Diante desse fato, aqueles que têm o perfil de educador social mediam as ações para os que têm a intenção de ajudar e colaborar com o desenvolvimento do trabalho.

As instituições parceiras recebem poucos recursos públicos para a realização dos trabalhos e acabam utilizando recursos próprios. Falta uma valorização do município para essas ações no que diz respeito ao serviço que essas executam. Porém, todas as instituições têm uma preocupação em desenvolver um trabalho que não se limita ao oferecimento apenas de uma atividade de artes ou uma atividade de esporte, uma atividade de cultura, mas têm essa solicitude de ter uma conversa com a criança, de um olhar diferenciado, de uma escuta para identificar os problemas e de tentar chegar até a família.

O CRAS tem uma ação denominada acolhimento, que é realizada por uma equipe técnica, composta de psicólogo e assistente social, em uma sala privativa para não expor a pessoa; nessa ação é estabelecida uma conversa para observar qual é a situação do usuário, quais problemas tem enfrentado, entre outras questões. É feito um prontuário e esse é acessado somente pela equipe técnica; depois desse acolhimento, é observado a necessidade do indivíduo e os casos são encaminhados às outras políticas públicas.

Há oficinas que contribuem preparando para o mercado de trabalho, abrangendo várias temáticas que irão instruir e direcionar o indivíduo à inserção na sociedade. Um exemplo que a coordenadora cita é a oficina de maquiagem que proporciona o aprendizado de uma profissão. O CRAS prioriza as pessoas que estão em acompanhamento; é perguntado a eles se querem fazer a oficina e, diante da aceitação, esse indivíduo participa e ao término recebe um certificado.

Importante ressaltar que o CRAS, para as oficinas, abre um processo de licitação para contratação de prestação de serviço de terceiros e, é contratado profissionais para a execução das oficinas. Todo trabalho é acompanhado pela coordenação e equipe técnica.

O educador social: o que ele faz?

O papel do educador social é colocar em prática a mediação necessária para que o participante do CRAS compreenda o que ele um dia aprendeu e se apropriou, ou seja, esse educador leva seu partícipe a entender qual é o seu lugar na sociedade. Essa pedagogia é um processo que conduz o



indivíduo a entender, mesmo em prováveis situações de vulnerabilidade de sua vivência, que é possível se colocar em meio a uma sociedade que, muitas vezes, parece ou é desigual, pois “esta experiência de ser sujeito capaz de decisão, autonomia, iniciativa, sentimentos e emoções privados se desenvolve e se difunde em situações de crise social”. (MOLON, 2008, p. 09)

Esse processo pode permitir ao indivíduo identificar o que deve preservar em sua vida e o que deve transformar; ajudará a descobrir-se através da educação e, conseqüentemente, o mesmo irá achar o melhor jeito para se colocar no mundo, mas este é um processo complexo.

Entendemos que toda a educação envolve o social, mas se a pedagogia do educador se restringe ao campo do letramento pode não ocorrer a educação da convivência humana, pois nem toda instrução permite ao sujeito entender que ele é capaz e pode encontrar seu lugar.

No que tange ao ensino, o educador social pode ter um olhar diferenciado àqueles que estão em situações de vulnerabilidade e conseguir se inserir no mundo desse colocando-se em seu lugar. Esse exercício contribui para uma maior aproximação e maior compreensão daquilo que o outro esteja passando. Segundo Gadotti (2012), “[...] os educadores sociais são também aqueles que, mesmo não sendo, necessariamente, oprimidos, lutam ao lado deles”. (p. 11). Sendo assim, é de grande relevância esse processo de conscientização, no que diz respeito à educação social e na “inserção” do mundo do outro.

Para exemplificar a ação e o papel do educador social, trouxemos a fala da coordenadora sobre uma experiência que ela vivenciou de perto. Ela nos disse:

Certa vez havia um curso para as mães no CRAS e algumas levaram seus filhos. Para deixá-las mais à vontade, levei as crianças para outra sala e ali propus algumas atividades para que pudessem esperar as mães de maneira mais atrativa. As crianças conversavam e em uma dessas conversas uma criança perguntou a outra: _Você bebe? Ela respondeu: _Não, por quê? Ah, eu bebo, porque se eu não beber meu pai briga comigo. (Coordenadora, 2017)

A coordenadora nos explicou que, diante da conversa dessas crianças, ela se aproximou e discretamente iniciou um diálogo para entender o que estava acontecendo. Após detectar a gravidade da fala da criança, ela chamou os pais para conversar e tomou as providências cabíveis. Portanto, esse olhar diferenciado para tais momentos das crianças, devem ser de extremo cuidado e percepção, pois se o educador social não apresentar esse perfil dificilmente estaria atento às falas das crianças e não perceberia, na conversa, a relevância de se iniciar uma investigação.



A sua tarefa é conduzir o indivíduo à consciência de que ele pode ter uma vida diferente. “O educador transmite um conjunto de normas, valores e regras, mas também atua no sentido de preparar os educandos para lidar com seus sofrimentos, conflitos e tensões, buscar sua libertação e a de seus companheiros” (SOUZA NETO, 2010, p. 30). Estas ações são reafirmadas por Gadotti (2012) quando diz que o educador deve proporcionar o conhecimento, mas levar o educando a entender que ele é capaz de transformar, ou seja, transferir sua vida, seu lugar, sua história.

Estas incumbências exigem do educador social atitudes fundamentadas, mas devemos problematizar em como se forma esse educador já que o mesmo tem características que diferenciam de um professor que não exerce ou não tem perfil de uma educação social.

Diante de sondagens realizadas e leituras, podemos dizer que o educador social forma-se a partir de vivências que o identificam com o meio pelo qual está inserido, ou seja, não adianta querer ser um educador social, esse perfil necessita ser construído para colocar em prática essa educação. Muitos estão trabalhando em associações ou em centros que atendem crianças e famílias em situação de vulnerabilidade, mas não permanecem por muito tempo devido a posturas que não condizem ao contexto do qual está trabalhando.

Um exemplo que podemos relatar é quando um educador social, em seu ambiente de trabalho, presencia conversas das crianças que mostram que essas estão passando por complicações dentro de casa, como o exemplo citado anteriormente, e não intervém para que seja realizada uma sondagem com esse infante e, conseqüentemente, chegar ao foco do problema; o ignorar é muito mais prático do que o descobrir e agir. Esse professor não teria perfil de um educador social! Esse perfil, diz respeito à sensibilidade do professor diante das falas e/ou indícios que a criança possa dar frente a alguma situação.

Portanto, quando falamos de perfil, nos remetemos àquele educador que diante de situações diversas, seja com criança, adolescente ou família, consegue intervir e realizar um trabalho que resultará no processo de solução de tais e tais problemas encontrados.

Segundo a coordenadora do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) quando diz que:

Eles (os educadores) têm um perfil que foi construído, porque você não consegue pegar uma pessoa do zero e fazer com que seja um educador social, você tem que ir formando essa pessoa. Então, ano a ano as experiências que eles vão tendo, eles vão sendo formados. Os professores são terceirizados, nós tivemos sorte. É muito difícil para o poder público contratar um professor com perfil, ou se cria o cargo, mas você não consegue criar o cargo porque isso impacta na folha de pagamento. Então, se tem na prefeitura os cargos básicos e o restante é



comissionado e no comissionado há um interesse da administração de colocar os seus prediletos e nem sempre a pessoa tem perfil para isso. (2017)

A coordenadora ressalta a importância de se ter um perfil para o trabalho num contexto de vulnerabilidade, pois muitas vezes, o educador que não tenha sensibilidade para essa realidade, pode tomar atitudes que possam não contribuir com tal realidade, ou seja, palavras que denigrem, machucam; ações que intimidam etc.

Sendo assim, entendemos que o educador social, muitas vezes, passa por situações de atenção, consegue se desfazer muitos traumas que a vida atribuiu, entende que pode e tem um lugar dentro da sociedade que está inserido, luta por seus ideais e passa a querer mediar tudo que passou, presenciou, aprendeu e conquistou àqueles que ele encontra e vê que estão no mesmo processo do qual passou. Esse educador quer mostrar que é possível a mudança. “A finalidade da educação social é ajudar a compreender a realidade social e humana, melhorar a qualidade de vida, por meio do compromisso com os processos de libertação e de transformação social nos quais vivem ou sofrem as pessoas” (SOUZA NETO, 2010, p.32).

Neste contexto, o educador social em sua formação acadêmica, tem como aliados a teoria e a prática. A teoria, por trazer os conhecimentos, e esses, explanados através dos nossos docentes e, a prática pelas vivências, experiências que o fazem repensar a prática. Podemos assim, realizar um exercício que explique muitos questionamentos que podem ocorrer, esse movimento é o olhar diferenciado que se pode ter sobre o próximo, é interagir com o outro de forma a compreendê-lo e ajudá-lo a (re)significar.

Assim, julgamos ser de grande relevância mostrar o trabalho do CRAS sendo uma explicativa o papel do seu educador.

Considerações finais

Entendemos que o educador social tem um papel essencial na vida de seu educando. Ele é a ponte para que a criança perceba que tem valor e que faz parte de uma sociedade que julga, manipula, agride, mas entenderá que ele pode transformar, desconstruir e reconstruir. O educador social proporciona à criança o saber viver e lidar com as situações que lhe sobrevêm, ele conduz esse indivíduo a entender que ele tem um lugar no mundo.



Esse educador pode proporcionar àquele que ensina o olhar para fora da caverna; sem receios, percebendo que é um ser capaz e que faz parte de uma sociedade, mesmo que cheia de imperfeições, que o permite seguir em busca de um futuro que lhe proporcione viver inserido e não em um constante ostracismo.

Espaços como o CRAS são extremamente importantes, pois dão novas chances a pessoas que, muitas vezes, não têm mais sonhos nem perspectivas de uma vida melhor; esses lugares que visam a reinteração desses sujeitos, permitem a esperança e, com seus educadores sociais, conseguem mostrar o valor que seus alunos têm e os levam a perceber suas potencialidades; são mediadores do conhecimento e da esperança daqueles que, muitas vezes, não tem expectativa em seu futuro.

Referências

DUAYER, Mario; ESCURRA, María Fernanda; SIQUEIRA, Andrea Vieira. **A ontologia de Lukács e a restauração da crítica ontológica em Marx**. Florianópolis: Revista Katál. v. 16, 2013, p. 17-25. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v16n1/v16n1a03.pdf>. Acesso em: 24/05/2019.

FREIRE. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 1989. Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária**: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. Brasília: Revista Diálogos. v. 18, 2012, p. 10-32.

MOLON, Suzana Inês. O processo de exclusão/inclusão na constituição do sujeito. In: ZANELLA, Andréa V. et al. (orgs.). **Psicologia e Práticas Sociais**: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2008, p. 9 – 18.

SOUZA NETO, João Clemente. **Pedagogia Social**: a formação do educador social e seu campo de atuação: Cadernos de pesquisa em Educação PPGE-UFES. v. 16. Vitória, 2010, p. 29-64.